MODOS DE CONSTITUIÇÃO DOCENTE NO CONTEMPORÂNEO NEOLIBERAL: PERFORMATIVIDADE, PRECARIZAÇÃO E REEXISTÊNCIAS

Kemilly Ventura[1] (UNISINOS, Fortaleza-Ceará, Brasil – kemillyventura@csi.asav.org.br)

Resumo

O presente artigo analisa os modos de constituição docente no contexto contemporâneo neoliberal, compreendendo a docência como um *éthos* e um modo de vida, para além de sua definição como ocupação profissional. Parte-se da seguinte questão: como a racionalidade neoliberal produz determinados modos de ser docente e quais possibilidades de resistência e reexistência emergem nesse cenário? Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, baseada no mapeamento de teses e dissertações produzidas no âmbito do Grupo de Pesquisa LOLA (UNISINOS), no período de 2015 a 2025. A análise evidencia que a racionalidade neoliberal opera por meio de dispositivos como a performatividade, a competitividade e a responsabilização individual, produzindo processos de precarização e desprofissionalização do trabalho docente. Ao mesmo tempo, as pesquisas analisadas indicam a emergência de modos outros de constituição, que tensionam essa lógica, tais como a docência amorosa, a docência cuidadosa e a *queer*(ização) da docência, compreendidas como práticas de resistência e reexistência. Conclui-se que enfrentar o esmaecimento da docência implica recolocar o ensino no centro da prática pedagógica e assumir a responsabilidade docente como compromisso ético, político e formativo com o mundo, através da educação.

Palavras-chave: Docência; Neoliberalismo; Trabalho docente; Formação de professores.

1. Introdução

Sou doutoranda do PPG em Educação da UNISINOS (Universidade do Vale do Rio do Sinos) e faço referência ao grupo de pesquisa LOLA e todo conhecimento que ele vem produzindo, em torno dos modos de constituição docente, considerando diferentes marcadores sociais, com ênfase nos estudos em gênero e sexualidade. Esse grupo é coordenado pela professora doutora Maria Cláudia Dal'Igna. Nesse artigo, apresento a produção de conhecimento do Grupo Lola e reitero que os estudos em docência têm sido para mim um dos principais motivadores e mobilizadores das minhas pesquisas, por considerá-la um modo de existir no mundo e não apenas de exercer a profissão, assim como defende Larrosa (2018a, p. 499), quando fala sobre o ofício de ser professor (professora): "não como uma ocupação profissional, mas um modo de vida, como um *éthos*".

Proponho, portanto, refletir sobre os modos de constituição docente desde um contemporâneo neoliberal, que forja certos modos de ser e exercer o trabalho docente,

[1] É graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará, mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, integrante do Grupo Lola, que tem como objeto de pesquisa a docência, o trabalho docente, o gênero e a sexualidade. Tem experiência na área de Educação, com ênfase na formação de professores.

apresentando algumas resistências e reexistências a essa lógica. A problemática deste artigo busca responder à seguinte pergunta investigativa: 'como a racionalidade neoliberal produz modos de constituição docente e quais possibilidades de resistência emergem nesse contexto?'. Desse modo, argumento como alguns estudiosos conceituam a docência, em diferentes perspectivas teóricas e como o Grupo Lola vem pesquisando e problematizando esses modos de constituição.

Metodologicamente, este trabalho caracteriza-se como uma revisão bibliográfica e um mapeamento documental da produção de conhecimento realizada pelo Grupo de Pesquisa LOLA (UNISINOS). O *corpus* de análise é constituído por uma seleção de teses e dissertações defendidas no período de 2015 a 2025, que investigam os modos de constituição docente e as relações de trabalho sob a ótica de marcadores sociais como gênero e sexualidade. A partir desse levantamento das pesquisas coordenadas pela Profa. Dra. Maria Cláudia Dal'Igna, procedeu-se a uma análise qualitativa que busca articular os referenciais teóricos sobre a racionalidade neoliberal aos dados empíricos dos estudos mapeados, visando identificar as tensões e os movimentos de resistência e reexistência na docência contemporânea.

2. A conceituação de docência em disputa

Nessa seção, apresentarei como alguns estudiosos têm argumentado sobre o conceito de docência e as produções do Grupo Lola. Inicio por Veiga-Neto (2002, p.19), quando diz que no "sentido etimológico, docência tem suas raízes no latim *docere* que significa ensinar, instruir, mostrar, indicar, dar a entender.". Na mesma direção, Fabris; Dal'Igna (2017), afirmam que "a docência é uma condição exercida pelo professor, comprometido com o processo de ensino e com as possíveis aprendizagens promovidas a partir dele", a um grupo de aprendentes (p. 56).

As autoras demarcam o ensino como uma ação exercida pelo professor e pela professora como compromisso assumido com os seus alunos. Faço esse destaque, pois compreendo que o ensino é a principal ação do exercício docente. Para me ajudar a pensar, Larrosa (2018b) produz certa resistência ao imperativo da aprendizagem, pois considera que essa lógica possui uma carga "individualista, psicológica e cognitiva", na qual nomeou de ideologia da aprendizagem, que "colonizou os discursos e as práticas educativas". O autor reitera que "a sala de aula é o lugar fundamental do trabalho do professor e o lugar fundamental da escola", e que a aprendizagem pode ser realizada em qualquer lugar, não necessariamente na escola, porém o ensino, não. Ele se realiza na escola, através do professor e da professora (Larrosa, 2018b, p. 55-56).

Veiga (2012) sinaliza ainda, que os primeiros registros da expressão docência é datada a partir do ano de 1916. A autora argumenta que "[...] a docência é o trabalho dos professores; na realidade, estes desempenham um conjunto de funções que ultrapassam a tarefa de ministrar aulas", e que a fundamentação teórica e prática são indispensáveis ao exercício profissional (p. 19). Cunha (2007) define a docência como "[...] uma ação complexa, que mobiliza condições de múltiplas racionalidades e requer saberes específicos", que possibilite "[...] condição de saber justificar as ações desenvolvidas, recorrendo a uma base de conhecimentos fundamentados a uma argumentação teoricamente sustentada." (p. 22). Há uma convergência entre as autoras sobre o conceito de docência, quando defendem sua profissionalidade e complexidade.

Tardif e Lessard (2014a, p. 35) afirmam que "a docência é um trabalho cujo objeto não é constituído de matéria inerte ou de símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativa e dotadas de uma capacidade de resistir ou de participar da ação dos professores". Para os autores, a docência constitui-se através do trabalho interativo nas relações humanas e sociais entre professores e estudantes, logo os conhecimentos técnicos não são suficientes para o exercício da docência, embora defendem que a docência é uma "[...] profissão no centro mesmo da transmissão dos saberes escolares e de sua aquisição pelas novas gerações", relatam Tardif e Lessard (2014b, p. 11).

Roldão (2005, p. 118) argumenta ainda que a docência "[...] requer equilibrar o domínio dos conteúdos que ensina e o modo como usa e mobiliza para construir sua apropriação pelos alunos. [...] é nessa mobilização que se joga a natureza propriamente profissional, porque especifica, o seu saber.". Para a autora, é necessário, portanto, além de dominar o conteúdo, saber ensiná-lo aos estudantes.

Nóvoa (1992) defende que a docência é um processo complexo, que envolve as dimensões pessoal, profissional e institucional docente, isso significa dizer que ela mobiliza diferentes saberes e competências, que ultrapassam a transmissão de conhecimentos. O autor defende ainda que a identidade docente (...) "não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão", explica Nóvoa (1995, p. 34). Nesse sentido, me dedico a explicitar os estudos das pesquisadoras e dos pesquisadores do grupo Lola, para argumentar como nos posicionamos em relação à docência e ao trabalho docente. Ressalto que, defendemos diferentes sentidos atribuídos ao conceito de docência, considerando em que racionalidades ela é pensada e produzida, e que efeitos isso reverbera na sua constituição e no exercício do trabalho docente, assim, como exposto por Fabris, Dal'Igna (2013), quando

apresentam que "não se pode falar qualquer coisa sem situar o quadro de racionalidade que permite abordar o objeto de uma determinada maneira. É preciso mostrar como determinadas racionalidades produzem um modo de ver as coisas...", expõem Fabris; Dal'Igna (2013, p. 53-54). A partir das autoras, apresento que uma das racionalidades que irei utilizar como produtora de sentidos, é o neoliberalismo, na qual a vida é organizada, pensada, produzida, a partir da lógica da economia. A economia que defende o alto consumo, a ampla concorrência e o Estado mínimo.

3. A racionalidade neoliberal e o trabalho docente

Há um deslocamento de concepção entre as racionalidades do liberalismo e neoliberalismo, como argumenta Brown (2019). Para a autora, no liberalismo clássico, a economia regia a política, a sociedade e a pessoa, e no neoliberalismo, a economia rege as relações humanas e o político é suprimido, a liberdade civil e individual, perdem lugar. Para Veiga-Neto (2017, p. 11), essa racionalidade "[...] vem sendo cada vez mais acionada como fornecedora de cidadãos autônomos, empreendedores, flexíveis e responsáveis por si mesmos; bons consumidores, competidores e trabalhadores.". O autor, nos provoca a pensar ainda, sobre o que chamou de "liquefação da docência", em virtude de alguns cenários sociais que considera importantes serem demarcados para a análise de modos de constituição docente. Sendo eles:

> 1. Neoliberalismo e trabalho - as novas configurações no mundo do trabalho, com destaque para a desprofissionalização docente: a flexibilização, a resiliência, o binômio descartem/comutação, a precarização etc.
> 2. Subjetividade e formação - as novas subjetividades e a formação docente frente às novas configurações sociais e culturais na Modernidade Líquida: o "pensar de outros modos" para poder "fazer de outros modos".
> 3. Práticas - a invenção de novas práticas docentes e discentes em salas de aula: o binômio celebração versus exorcização das novas tecnologias informacionais e os limites do seu uso na educação; o pontilhismo pedagógico.
> 4. Colapso temporal - como efeito primário da presentificação, o crescente deslocamento da tradição para a tradução (Veiga-Neto, 2017, p. 33-34).

Diante desses cenários apontados por Veiga-Neto (2017), o contemporâneo tem produzido diferentes subjetividades em relação ao trabalho docente. Nessa direção, para me apoiar a pensar sobre essas relações, me ancoro nas reflexões de Cocco e Vilarim (2009), quando tratam do termo do capitalismo cognitivo, apresentando que há um descolamento da produção material (fordismo) à produção imaterial (cognitiva), o qual acarretou transformações nas relações com o trabalho no contemporâneo. Atualmente, a valorização do trabalho depende intrinsecamente de elementos cognitivos e imateriais, o que instaura um dispositivo de exploração mais abrangente: ele não se limita a uma jornada específica, mas captura a vida do trabalhador em sua totalidade. O capitalismo cognitivo está fundamentado

na lógica do trabalho imaterial, desde a tecnologia da informação e da comunicação e da não separação do tempo de vida, do tempo de trabalho. Há uma certa "liberdade" de produção em relação ao tempo. Desse modo, temos produzido uma sociedade performática, na qual os sujeitos competem consigo mesmos, uma sociedade do cansaço, assim como nos provoca a pensar Han (2017), pois "o sujeito do desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o inválido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre o excesso de positividade", narra Han (2017, p. 29-30).

É sob essa racionalidade neoliberal, do desempenho, da competitividade, do indivíduo microempresa, do cansaço, da *performance* que irei apresentar modos de constituição docente, a partir das pesquisas do grupo Lola. Contudo, demarco que para Ball (2010, p. 38) a performatividade "é uma tecnologia, uma cultura e um modo de regulação, e mesmo, tal como define Lyotard, um sistema de "terror", sistema que implica julgamento, comparação e exposição, tomados, respectivamente, como formas de controle, de atrito e de mudança".

Essas tecnologias apresentadas por Han (2017) e Ball (2010) têm produzido modos de vida, na qual a existência é conduzida pela lógica da economia, visando à produção de sujeitos cada vez mais empreendedores de si, consumidores, regidos pela qualidade. Nessa direção, apresento a ***Docência S/A***, um modo de constituição da docência, defendido por Dal'Igna, Scherer e Silva (2018), na qual a cultura do empreendedorismo e a educação customizada, logo flexível, regem a prática pedagógica dos professores e professoras, desde a lógica do mercado, em que o/a docente se constitui como um sujeito microempresa, responsável autonomamente por sua formação, sendo capaz de "[...] investir em si mesmo para manter-se ativo, incluído no jogo econômico" (p. 56).

Silva e Tomasel (2018, p. 115) apontam que a psicologização da pedagogia constitui o que conceituam de ***Docência Terapêutica***, na qual o aprendizado e a questão psicológica dos/as estudantes ocupam o centro do trabalho pedagógico, pois a pedagogia necessita de outra ciência para validá-la como científica e o desenvolvimento da criança é o ponto de convergência entre elas. Dessa forma, o/a docente assume o lugar do terapeuta que compreende bem as necessidades individuais dos estudantes, sejam elas sociais, cognitivas ou afetivas, esmaecendo assim o ensino e o trabalho do professor e da professora. Nesse modo de constituição, a socialização ocupa um lugar de muita importância no processo de formação do estudante, e as autoras refletem que, embora importante, não seja central ou único no processo de ensino. Elas compreendem, fundamentadas em Masschelein e Simons (2014, p.98) que "[...] formar e educar uma criança não é uma questão de socialização e não é uma

questão de garantir que as crianças aceitem e adotem os valores de sua família, cultura ou sociedade. Nem é uma questão de desenvolvimento dos talentos das crianças.”.

4. Produções do Grupo LOLA: resistências e reexistências

Embora a racionalidade neoliberal produza certos modos de existir, desde a lógica da economização da vida, o grupo Lola, com seus compromissos éticos, estéticos, políticos e pedagógicos com a docência e a educação, tem mobilizado outros modos de pensar e existir na profissão docente. Nesse contexto de resistência, reexistência e existência, propõe-se o amor, o cuidado, a presença, como mobilizadores de outros modos de constituição. Aqui, demarco de como relacionamos o par amor e docência. Resistimos à naturalização do termo em relação à docência, no que tange a feminilidade do magistério, no qual o amor, o cuidado, a paciência, são atributos “inatos” do feminino; a desprofissionalização da docência, tendo amor como condição principal para o exercício da profissão e as compreensões romantizadas do termo. Assim como nos provoca a pensar Dal’Igna, Scherer e Silva (2019), o par amor e docência está relacionado à “responsabilidade pedagógica, tanto com a singularidade de cada estudante quanto com o coletivo e com o mundo. A aceitação dessa responsabilidade pedagógica implica um compromisso responsivo com a formação e com o ensino.” (p. 141).

Esse compromisso assumido com os estudantes e consigo mesmo, diante do rigor com o qual se exerce a docência, é um caminho possível para seguirmos apostando na docência e encontrando outras possibilidades de constituição. As reflexões das autoras me fizeram lembrar de Arendt (1992), quando argumenta que a educação é responsável de apresentar o mundo aos recém-chegados e de amá-los suficientemente a ponto de “assumir responsabilidade por ele e, mais ainda, para o salvar da ruína que seria inevitável sem a renovação, sem a chegada dos novos e dos jovens”, (p. 14). É nessa direção que apresento outras contribuições das pesquisadoras e dos pesquisadores do Grupo Lola que se dedicaram a estudar a docência e seus modos de constituição, que reverberam no modo como exercem o trabalho docente. Demarco que o grupo Lola assume com compromisso ético, estético, político e pedagógico com a docência e a educação, como defendido pela professora Maria Cláudia Dal’Igna, minha orientadora e coordenadora do grupo. Desse modo, destaco as pesquisadoras e os pesquisadores do Grupo Lola e seus respectivos trabalhos defendidos, com ênfase em docência e trabalho docente, que me ajudarão a pensar e problematizar esta tese. São elas:

- Estela Elisabete Reichert (2015) – autoridade docente na educação infantil;
- Renata Porcher Scherer (2019) – desfeminização do magistério;
- Ederson da Cruz (2019) – pedagogia do afeto;

- Laudete de Brito (2020) – sentidos da docência;
- Cláudio Marques Mandarino (2020) – docência cuidadosa;
- Miriã Zimmermann da Silva (2021) – docência amorosa;
- Jonathan Vicente da Silva (2022) – *queer*(ização) da docência;
- Pâmela Franciele Nunes Cuty (2022) – docência na educação infantil;
- Gilvânia Queiroz Madeira de Aguiar (2023) – sentidos da docência;
- Ana Lúcia Paula da Conceição (2023) – relação docência e gênero na educação profissional e tecnológica;
- Jorge Luiz de Paula (2025) – par corpo e docência;
- Patrícia Dyonisio de Carvalho (2025) – sentidos sobre trabalho docente, gênero e sexualidade.

Para iniciar a apresentação da produção de conhecimento das pesquisadoras e dos pesquisadores do grupo Lola, tomou Reichert (2015) como ponto de partida, na qual investigou a constituição de determinados sentidos atribuídos à autoridade docente na educação infantil. Para tal, apoiou-se nos conceitos de autoridade e poder, desde a perspectiva pós-estruturalista e argumentou que afeto e cuidado são tecnologias de poder que operam na constituição de determinados sentidos para a autoridade docente na educação infantil. Para a autora, as práticas de afeto e cuidado são consideradas atributos essenciais para o exercício docente, relacionados à figura feminina, que são compreendidos de modo naturalizado, secundarizando a formação profissional para o exercício docente na educação infantil.

Scherer (2019) pesquisou, a partir da literatura pedagógica brasileira, como o gênero atravessa e dimensiona a docência, na segunda metade do século XX, desde uma perspectiva histórica. A autora defende a tese de que, nesse período, o magistério passou por um processo de desfeminização, no qual os saberes técnicos e profissionais ganharam notoriedade, esmaecendo a dimensão do afeto relacionado à figura da mulher no exercício da profissão docente, tal como o fortalecimento do seu compromisso político. Argumenta ainda que, "buscou apontar para a importância de uma docência que não tivesse em sua natureza (não carregue em si) um *a priori* feminino", afirma Scherer (2019, p.12).

Cruz (2019) utilizou a etnografia de tela, através da análise do filme *Entre os muros da escola*, para investigar como o gênero articulado à sexualidade, constitui um modo de ser docente. Assim, o autor defende a tese de que a "docência masculina cisgênero heterossexual – que, ao ser posta em exercício, opera constituindo o que se pode chamar de uma 'pedagogia do afeto'", informa Cruz (2019, p.16). Ressalto que o pesquisador elegeu o afeto, não de modo

romantizado e relacionado ao amor ou à disposição, mas o afeto originário da raiz do latim *afficere*, que significa fazer algo, agir sobre, fazer manejar. Esse afeto constitui um modo docente que ele denominou de "pedagogia do afeto", na qual o professor do filme exerce uma pedagogia para o controle dos corpos, um agir sobre os corpos diante dos conflitos e disputas vividos, ao longo do filme, pelo professor e seus/suas estudantes.

Brito (2020) se dedicou a pesquisar os sentidos atribuídos à docência no curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) no período de 1966 a 1990. Seu estudo apontou que há a permanência de uma pedagogia generalista, "resultando numa docência multifacetada, a qual poderá atribuir sentidos diversos a esta docência, tais como dispersão e secundarização da docência propriamente dita e/ou uma docência potente ao ser ressignificada com ênfase no cuidado, no amor e no afeto", mostra Brito (2020, p.6). Defendeu ainda, que há um esmaecimento do ensino em relação à aprendizagem e a continuidade da concepção salvacionista da educação, que contribuiu para a ampliação das funções da escola e para a constituição de uma docência, que tem a aprendizagem como foco e não o ensino.

Mandarino (2020) investigou os sentidos de docência e de cuidado, desde a análise de obras da literatura acadêmica e pedagógica, e a constituição de um modo de ser e agir docente. O pesquisador defende a tese de uma docência cuidadosa, na qual o/a docente é convidado/a a olhar para si e para o outro de determinada forma, considerando a docência como um modo de vida, um *éthos*. Em sua tese, apoiou-se no conceito de cuidado de si e estética da existência de Foucault, argumentando que, "a docência cuidadosa é entendida como uma matriz que está atravessada pelos saberes que circulam, enquanto conhecimento no campo de pedagógica e articulam modos ser e agir enquanto professores [professoras]" (p. 175).

Silva (2021) tem como objeto de pesquisa o par docência e amor. A autora investigou os discursos sobre esse par, desde a literatura de seis obras educacionais, e quais subjetividades são produzidas por eles. Ela identificou, então, o discurso teológico, o filosófico e o pedagógico, sendo o

> discurso teológico, que se ocupa da construção de certos modos de compreender o "ser" e a "existência humana", posicionando a docência na sua condição humana e no qual o amor é manifestado como cuidado; (2) discurso filosófico, que mobiliza, de forma central, enunciados acerca da educação, enquanto processo humano, posicionando a docência na sua condição educativa a partir da dimensão de responsabilidade; (3) discurso pedagógico, que se ocupa da condução de sujeitos, posicionando a docência na sua condição pedagógica e mobilizando o amor pedagógico (Silva, 2021, p.07).

Sua tese, portanto, defende que o amor pedagógico constitui uma docência amorosa, responsável, comprometida, encarnada na complexidade da própria existência e da existência do outro, com a possibilidade de "encontrar um caminho para viver uma docência que assume responsabilidade por si mesma, pelo conhecimento e pelo/a estudante, reconhecendo sua condição humana", relata Silva (2021, p.148).

Silva (2022) investigou, através da produção acadêmica educacional brasileira no período de 2009 a 2019, a constituição de uma docência, que nomeou de *queer*(ização), exercida por pessoas trans. Embora tenha analisado que as pessoas trans, ao se tornarem docentes, sejam reguladas por uma matriz heterocisnormativa, o autor argumenta que a *queer*(ização) da docência possui "uma atitude-ético-estético-político-*queer*, por meio de uma vida vivível, que visa separar a docência da moralidade e da decência, que a tem atravessado e constituído por muito tempo, a fim de possibilitar modos outros de ser, de estar e existir docente no contemporâneo", refere Silva (2022, p. 14). Desse modo, o pesquisador defende que a *queer*(ização) da docência é, portanto, uma atitude de resistência e re(existência) aos discursos e jogos de poder/saber em relação ao corpo, ao gênero e à sexualidade, que são constituídos a partir da heterocisnormatividade.

Cuty (2022) dedicou-se a pesquisar a docência na educação infantil desde a literatura pedagógica acadêmica, analisando as ênfases temáticas que a compõem. A autora assim argumenta que, a literatura pedagógica funciona como prescritiva, conduzindo as condutas das professoras da primeira etapa da educação básica. Além disso, aponta que "as ênfases temáticas reverberam no campo da docência como um todo, podendo causar enfraquecimento em aspectos da profissionalidade docente e em sua potência de autoria e criação", argumenta Cuty (2022, p. 11).

Aguiar (2023) pesquisou os sentidos atribuídos à docência, desde as produções acadêmicas sobre políticas educacionais no período de 2016 a 2020, no estado do Maranhão e da região Sul do Brasil. A pesquisadora sustenta a tese de que há um esmaecimento da docência "marcado por tendências advindas de políticas educacionais" em virtude dos "processos de silenciamento e de naturalização sobre o que se entende por docência", analisadas em documentos como a BNCC, explica Aguiar (2023, p.12). O estudo oportunizou ainda a pensar a docência a partir de uma postura crítica e problematizadora, capaz de suspeitar e de recusar os discursos hegemônicos sobre a docência (AGUIAR, 2023).

Conceição (2023) investigou os sentidos atribuídos à docência desde a produção acadêmica educacional brasileira nos institutos federais, no período de 2010 a 2020. Seu

intuito foi compreender como o gênero "organiza a docência na educação profissional e tecnológica e no ensino básico técnico e tecnológico". Diante do estudo realizado, a autora mapeou três categorias de análise: "a docência como esmaecimento da Pedagogia como ciência da prática educativa; a docência como fortalecimento da Pedagogia como produtora de saberes legítimos; e o gênero como organizador da docência EPT/EBTT", expõe Conceição (2023, p. 13). E defendeu a tese de que há uma disputa entre os saberes pedagógicos e os saberes técnicos, constituindo a feminilização da docência. Aponto que Conceição (2023) se apoia nos estudos de Silvia Yannoulas (2011, p. 271), para explicar o conceito de feminilização, que corresponde ao "aumento do peso relativo do sexo feminino, na composição de uma profissão ou ocupação; sua mensuração e análise realizam-se por meio de dados estatísticos", narra Conceição (2023, p. 78).

Paula (2025) dedicou-se a investigar os sentidos atribuídos ao par docência e corpo, desde as pesquisas educacionais acadêmicas, no período de 2018 a 2022. A partir de suas análises, o autor argumenta que o corpo é tratado, pela educação, de modo fragmentado, a partir das dimensões físicas ou biológicas, e que são realizadas associações do corpo em relação à construção da identidade e do desenvolvimento pessoal e profissional dos/das docentes. Diante dessas análises, o pesquisador defende que sua tese visa "problematizar as dicotomias corpo e mente, teoria e prática, uma vez que identifica e analisa sentidos sustentados em uma abordagem que não distingue os conceitos de corpo, docência e prática docente nas pesquisas examinadas sobre formação de professores/as", descreve Paula (2025, p. 13).

Carvalho (2025) analisa, a partir da série *Rita*, os sentidos atribuídos ao trabalho docente e como o gênero e a sexualidade atravessam a constituição da docência. A autora, então, identifica duas categorias analíticas, 1) Rita, a professora que (não) salva e, ao mesmo tempo, transborda, colocando-se na relação com estudantes e famílias; (2) Rita, a professora "erva daninha", tratada como salvadora e/ou (in)adequada entre seus pares, famílias e jovens com quem trabalha. Nesse sentido, defende a tese de uma "pedagogia dos entre-lugares", em vista das dicotomias que se fazem presentes na série, em relação ao modo de pensar e praticar o trabalho docente. Ela argumenta que considera como entre-lugares a relação de "Rita consigo mesma, com a coordenação, com colegas docentes, com as famílias e com estudantes", explana Carvalho (2025, p.13).

As pesquisas e a produção de conhecimento apresentadas até aqui, sobre modos de ser docente e de exercer o trabalho docente, foram realizadas por parte do grupo Lola, coordenado pela professora Maria Cláudia Dal'Igna, que tem como foco de estudo e pesquisa: trabalho

docente, gênero e sexualidade. Ela nos provoca a seguir problematizando nossas naturalizações acerca da docência, construindo possibilidades outras de existir na profissão e na vida.

5. Conclusão

As pesquisas do Grupo LOLA (2015-2025) demonstram que a docência reexiste frente à "liquefação" da profissão no cenário neoliberal através de três eixos fundamentais. Primeiramente, rompe-se com a naturalização do magistério como um atributo inato feminino, reafirmando a docência como uma construção ética, política e técnica, que recusa o modelo da "Docência S/A". Em segundo lugar, o afeto é ressignificado como uma "responsabilidade pedagógica rigorosa" e uma tecnologia de ação, distanciando-se da "Docência Terapêutica" e de visões romantizadas para proteger a centralidade do ensino contra o foco exclusivo na aprendizagem individualista. Por fim, a docência é afirmada como um *éthos* e uma "estética da existência", na qual o professor e a professora recusam a lógica de "indivíduo microempresa" e da "sociedade do cansaço" para habitar as contradições da profissão como um modo de vida e de cuidado de si.

Em conjunto, esses dados confirmam que o Grupo LOLA não apenas mapeia a precarização, mas fundamenta uma atitude ético-estético-política. Portanto, conclui-se que resistir ao "esmaecimento da docência" exige a retomada do ensino como ação principal e a assunção de uma responsabilidade pedagógica rigorosa. Apostar na docência, apesar das formas de deslegitimação, significa proteger o espaço da escola como o lugar da renovação do mundo e do compromisso ético com os "recém-chegados". A docência reafirma-se, assim, não como uma tarefa mecânica, mas como um ato de amor e cuidado que permite "pensar e fazer de outros modos" a educação no tempo presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Gilvânia Queiroz Madeira de. **Sentidos de docência produzidos no contexto das produções acadêmicas no estado do Maranhão e na região sul do Brasil entre os anos de 2016 e 2020**. 2023. Tese Doutorado em Educação Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2023.

ARENDT, Hannah. **A crise na educação**: entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BALL, Stephen John. **Educação global S.A**.: novas redes políticas e o imaginário neoliberal. Ponta Grossa: UEPG, 2014.

BRITO, Laudete de. **Sentidos da docência**: uma análise dos relatórios de estágio do curso de Pedagogia da Unisinos. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo.** São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

COCCO, Giuseppe; VILARIM, Gilvan. O capitalismo cognitivo em debate. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 148–151, 2009.
CONCEIÇÃO, Ana Lúcia Paula da. **Relações entre gênero e docência na educação profissional e tecnológica**. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2023.
CRUZ, Éderson da. **Entre os muros da escola**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.
CUNHA, Maria Isabel. **Reflexões e práticas em pedagogia universitária**. Campinas: Papirus, 2007.
CUTY, Pâmela Franciele Nunes. **A docência na educação infantil construída na e pela literatura pedagógica acadêmica**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNISINOS, São Leopoldo, 2022.
DAL'IGNA, Maria Cláudia; SCHERER, Renata Porcher; SILVA, Jonathan Vicente da. Docência S/A. *In*: FABRIS, Elí Terezinha Henn *et al*. (org.). **Modos de ser docente no Brasil contemporâneo**. São Leopoldo: Oikos, 2018.
DAL'IGNA, Maria Cláudia; SCHERER, Renata Porcher; SILVA, Miriã Zimmermann da. Docência, amor e gênero. **Série-Estudos**, v. 24, n. 52, 2019.
FABRIS, Elí Terezinha Henn; DAL'IGNA, Maria Cláudia. Processos de fabricação da docência inovadora. **Pedagogía y Saberes**, n. 39, 2013.
FABRIS, Elí Henn; DAL'IGNA, Maria Cláudia. Nenhuma escola está imune. **IHU On-Line**, 2017.
HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.
LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018a.
LARROSA, Jorge. **P de professor**. São Carlos: Pedro & João, 2018b.
MANDARINO, Cláudio Marques. **Docência cuidadosa**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – UNISINOS, 2020.
MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
NÓVOA, António. **Os professores e as histórias da sua vida**. In: NÓVOA, António (org.). Vidas de professores. Porto: Porto, 1992. p. 13-33.
NÓVOA, António. **O passado e o presente dos professores**. In: NÓVOA, António (org.). Profissão professor. 2. ed. Porto: Porto, 1995. p. 13-34.
PAULA, Jorge Luiz de. **Tessituras sobre o par docência e corpo**. 2025. Tese (Doutorado em Educação) – UNISINOS, 2025.
REICHERT, Estela Elisabete. **Autoridade docente na educação infantil**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNISINOS, 2015.
ROLDÃO, Maria do Céu. Profissionalidade docente em análise. **Nuances Estudos sobre Educação**, 2005.
SCHERER, Renata Porcher. **A desfeminização do magistério**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – UNISINOS, 2019.
SILVA, Jonathan Vicente da. **Regulação e queer(ização) da docência**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNISINOS, 2022.
SILVA, Miriã Zimmermann. **A constituição da docência amorosa**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – UNISINOS, 2021.
TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Profissão docente**. Campinas: Papirus, 2012.
VEIGA-NETO, Alfredo José da. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
VEIGA-NETO, Alfredo José da. Olhares. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.